SÃO LUÍS 400 ANOS
PASSADO E PRESENTE: VIDA, MORTE E DESTRUIÇÃO

Ao fecharmos mais esse número da revista Cadernos de Pesquisa estão sendo encerrados os festejos pelos 400 anos da cidade de São Luís promovidos pelos governos estadual e municipal.

Em meio a uma campanha política pela administração municipal, tão disputada, esqueceram-se do mais importante: refletir sobre esse período tão conturbado da história maranhense.

Tudo se resumiu a uma série de shows disputados entre os governos municipal e estadual: um ocupando a Praça Maria Aragão, o outro o palco da Lagoa da Jansen: quem mais podia investir trazia os artistas mais importantes e mais caros.

Lembrei-me de um lema do Império Romano: "panis et circenses". Isto é, ao povo pão e circo; em outras palavras: pão e diversão. E é isto o que aconteceu durante esse mês de setembro para comemorar o dia 8. Diversão para o povo para que este esqueça os problemas mais importantes do dia-a-dia e, ao mesmo tempo, promover a política governamental.

Nenhuma ou pouquíssimas manifestações aludiram aos problemas enfrentados por esta cidade. A UFMA, em greve, não participou; a UEMA não se manifestou e as Universidades particulares seguiram esse caminho. Os únicos que se preocuparam um pouco foram alguns colégios públicos e particulares que promoveram discussões e trabalhos com os alunos para que essa data não passasse em branco.

Uma voz não ouvida pela população foi o "grito dos excluídos" promovido pelos movimentos populares denunciando o descaso para com a população e os maiores problemas que atormentam o povo desta cidade: especulação imobiliária, falta de água e saneamento básico, poluição das praias por causa dos esgotos jogados no mar, projetos poluentes trazidos para cá (veja a termoelétrica a carvão mineral), o caos do trânsito e o aumento de acidentes, a imoralidade do transporte público e, enfim, a questão ambiental com a devastação de inúmeras áreas: Vinhais Velho, Vila Cristalina, Taim, Cajueiro, Vila Maranhão, Eugênio Pereira, Maracanã, Rangedor, Rio Anil, Rio das Bicas e os manguezais, entre outros.

Para celebrar os quatrocentos anos o governo estadual divulgou aos quatro ventos a construção da Via Expressa sem se preocupar minimamente com os sítios arqueológicos que estavam no caminho. O Vinhais Velho sofreu as consequências dessa investida. A memória do povo Tupinambá que ali morava foi em parte destruída pelas máquinas pesadas utilizadas para a terraplenagem. Não fosse pela intervenção de uma arqueóloga hoje a memória estaria sepultada definitivamente.

É mesmo essa memória que queremos aqui resgatar. Essa memória que diz respeito às populações tradicionais que aqui viviam na época da chegada dos europeus (franceses e portugueses) na ilha. Essa memória que a TV Mirante procurou sepultar mostrando, através de reportagens em Portugal e na França, a vida dos colonizadores. Ninguém se preocupou em resgatar a vida dos colonizados que tanto foram determinantes para a vida dos europeus nos trópicos. Ninguém se preocupou em denunciar o massacre praticado contra a população nativa, contra as comunidades indígenas tradicionais que aqui viviam na ilha e no interior do Maranhão nos rios Itapecuru, Mearim, Grajaú, Pindaré, Gurupi e principalmente no sertão. Essa população que chegava a 250.000 indígenas foi reduzida hoje em torno de 20.000, após uma forte recuperação nos últimos vinte anos.



Dois alunos do ensino médio, de uma escola particular da capital, para celebrar os quatrocentos anos apresentaram uma pintura em têmpera sobre tela com uma índia chorando, ressaltando as principais características que marcavam os povos que aqui viviam e, ao lado dela, os dizeres: São Luís: 400 anos. Chamavam a atenção para o sofrimento das populações indígenas do passado e as atuais. Uma crítica ao apresentar o passado e o presente como uma memória morta, através de monumentos,

esquecendo que o passado está vivo no presente, que a memória é viva e que essa se manifesta de diversas maneiras, especialmente pela crítica construtiva.

Vale a pena nos perguntar: por que esquecer um passado triste e real? A história não se constrói somente com a palavra dos vencedores. mas também, e sobretudo, dos vencidos. Infelizmente essa história sempre foi construída pelo poder e podemos dizer que hoje continua assim quando se quer apagar um passado de destruição e morte, quando se quer relembrar um passado "europeu" em detrimento das populações indígenas e negras que construíram essa história ao longo desses 400 anos. Tornar viva essa história é colocar em evidência a participação e a contribuição dos "vencidos" que sempre lutaram por uma vida e um espaço dignos nessa sociedade.

Outubro 2012

Prof. Dr. Claudio Zannoni
Editor